



Diário Notícias 17-03-2014	Periodicidade: Diário	Temática: Saúde
	Classe: Informação Geral	Dimensão: 1512
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/PB
	Tiragem: 56361	Página (s): 1/14/15

Pagamento para doar
óvulos vai ser revisto
e deverá aumentar

Pagamentos para doação de óvulos e de esperma vão aumentar

Infertilidade. Mulheres acima dos 40 anos procuram cada vez mais tratamentos com óvulos. Lista de espera nos privados é de três meses

ANA MAIA

O Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida (CNPMA) vai rever os valores das compensações dadas aos dadores de óvulos e de esperma com o objetivo de os aumentar, embora não se saiba para quanto. Até agora, as mulheres recebiam pela doação de óvulos 628,83 euros, enquanto os homens 41,90 pelo esperma.

O tratamento com recurso a material doado está a crescer, de tal forma que, em alguns centros, é da ordem dos 30%, sobretudo devido a mulheres que querem engravidar entre os 40 e os 44 anos. Há centros privados que já têm listas de espera de três meses. A maioria dos dadores são estudantes universitários, mas também há pessoas com empregos estáveis e com filhos.

A revisão do pagamento ou da compensação (como preferem chamar os especialistas) deverá acontecer em junho, confirmou ao DN Eurico Reis, presidente do Conselho Nacional da Procriação Medicamente Assistida (CNPMA). "O tema será discutido nas próximas reuniões, talvez em junho. Primeiro temos de fazer a auscultação dos centros. Queremos discutir a questão sem preconceito. A nossa interpretação é que a compensação pode ser adaptada, se calhar não cobre tudo o que devia compensar. O sentido será no aumento do valor", explicou. Em 2011, segundo os últimos dados disponíveis do CNPMA, a doação de óvulos deu origem a 159 gravidezes e a 133 partos. O recurso a material doado por terceiros permitiu iniciar 269 ciclos com óvulos e 306 com esperma no privado.

O recurso a estes tratamentos

está a aumentar. O centro privado IVI, em Lisboa, por exemplo, no ano passado realizou 138 tratamentos com óvulos doados. Mais 30% do que em 2011. "Temos uma população de casais a recorrer à doação de ovócitos muito vinculada à idade das mulheres, cada vez mais alta. Seriam necessários o dobro ou o triplo das dadoras para responder às necessidades. Temos uma lista de espera de três a quatro meses. De homens, temos entre 60 a 70 doações por ano", argumentou o ginecologista Sérgio Soares, reconhecendo que às vezes esta solução é difícil para os casais aceitarem. A clínica lançou campanhas de sensibilização, mas o conhecimento dá-se sobretudo pelo passar de palavra entre amigos. "A maioria dos dadores é estudante, mas também há trabalhadores, desempregados, pais. Nem todos os dadores dão igual importância à compensação. Seria justo um aumento, mas é prudente conter o valor", sublinhou.

Vladimiro Silda, do centro privado Ferticentro em Coimbra, referiu que enquanto o banco público não tiver capacidade de resposta, o recrutamento de dadores é fundamental. "Temos cerca de 200 mulheres inscritas prontas para doar e não temos espera. Mais de 90% dos dadores são estudantes universitários e recém-licenciados. A média de idades ronda os 24 anos. A questão financeira existe, mas a maioria é por motivação altruísta. Há dadores que não sabem da compensação e outros que recusam. Há casais de namorados que se inscrevem e de grupos de amigas", revelou, confirmando que os tratamentos com este recurso estão a aumentar. "As mulheres tentam engravidar cada vez mais tarde, com 43 e 44 anos, e quando o



fazem, muitas vezes, os ovários já não funcionam bem."

O mesmo aponta o médico Alberto Barros, responsável por um centro com o seu nome no Porto. "Nas décadas de 1990/2000 fomos confrontados com a necessidade crescente de indicação médica de uso de doação. Além das menopausas precoces, que sempre existiram, o que está a levar a este aumento são as decisões mais tardias dos casais em terem filhos. No meu centro, cerca de 25% das fertilizações *in vitro* são em mulheres de 40 a 44 anos. Mesmo em mulheres mais novas assiste-se a um problema qualitativo dos óvulos. Não é só produzirem pouco, mas com má qualidade. É para estes casais que recomendamos a doação. No ano passado fizemos mais de cem ciclos com doação de óvulos. E não houve mais pela limitação de dadoras", referiu, salientando que o tempo de espera ronda os três meses. Também aqui o passar de palavra é a forma mais eficaz de divulgação. No início, a maioria dos dadores eram estudantes, mas agora é mais variado.

No último mês, o CNPMA recebeu um pedido de um centro privado do Norte para fazer cedência de material doado. O que também está a ser avaliado, confirmou Eurico Reis.

COLÓQUIO

Procriação em debate no Porto

» Vai realizar-se nos dias 20 e 21 um colóquio na Fundação Serralves organizado pelo Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida, que contará com especialistas nacionais e estrangeiros. Em debate vão estar diversos temas relacionados com as técnicas que combatem a fertilidade, como a perspetiva do doente, a avaliação do anonimato dos dadores, o papel das autoridades reguladoras. Tal como aconteceu no ano anterior, o Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida vai levar o tema junto dos mais novos. Existirá um concurso organizado com a Ciência Viva, que terá novamente como destinatários os estudantes do ensino secundário. Este concurso será finalizado com um debate na Assembleia da República.

EXPERIÊNCIAS

Aos 40 anos não pensou duas vezes

» Com 40 anos, Carla vive pela primeira vez o sonho da maternidade. Recorreu à doação de óvulos numa clínica privada. "Tinha 38 anos quando tentei engravidar pela primeira vez, devido à instabilidade económica e pessoal. Ao fim de um ano a pensar o médico aconselhou-nos as consultas de fertilidade", conta. Ainda fez uma inseminação artificial no público, mas as probabilidades de sucesso eram apenas de 5%. "Tenho pouca produção de óvulos. Ainda chegámos a falar ao médico da possibilidade de recorrer a óvulos doados, mas por causa da idade disseram que o melhor era ir para um centro privado." Seguiram a recomendação e foi sucesso garantido à primeira. O tratamento custou mais de 5000 euros. "A médica explicou que era a solução mais rápida e com melhores oportunidades. Aceitámos logo. Perguntei se o bebé teria alguma coisa minha e a médica disse que a parte hormonal seria a minha." Carla está grávida de quatro meses e gostava que fosse um rapaz. Ninguém da família sabe, mas não interessa porque aquele que vier será um bebé seu.



300
mil casais

Estimativas apontam para que existam em Portugal 300 mil casais com problemas de fertilidade, embora nem todos precisem de técnicas de procriação medicamente assistidas (PMA).

2007
crianças

Em 2011, nasceram mais de duas mil crianças graças às técnicas de PMA. O tempo de espera para tratamento num hospital público é de seis meses a um ano.

Óvulos doados deram-lhe dois filhos

Com 19 anos, Paula teve de ser operada de urgência a um quisto no ovário. No espaço de um mês ficou sem os dois. Casada há 13 anos, ser mãe nunca deixou de fazer parte dos seus planos. Mesmo depois de alguns tratamentos falhados. "A doação de óvulos e a adoção eram as únicas hipóteses. Ainda estivemos inscritos para adoção, mas um ou dois meses depois de a minha filha nascer ligaram a perguntar se ainda estávamos interessados." Paula e o marido tinham optado pelo método dos óvulos doados. Os pais de ambos aceitaram bem a solução. Primeiro nasceu um menino, agora com 6 anos, depois uma menina, que já tem 3. "Preenchemos um formulário para arranjar uma pessoa mais parecida connosco. Não sei como explicar, mas ficam com muitas parecências nossas. Dizem que ela é muito parecida comigo e o meu filho tem um dedo igual ao meu. Nem me lembro que foram óvulos doados. Foram todos da mesma doadora, porque da primeira vez ficaram embriões congelados."

Quis dar algo seu para ajudar outros

Vânia quis ajudar outras mulheres a serem mães. Tem 29 anos e é mãe de dois meninos. Há dois anos, a caminho da praia, Vânia ouviu de uma amiga que trabalhava numa clínica o que era a doação de óvulos. "Achei aquilo um pouco estranho. Uma prima queria ter um segundo filho e passou por vários abortos e acabou por adotar uma criança. Fiquei a pensar: tenho dois filhos e há tantas mulheres com dificuldades que eu podia ajudar. O meu marido apoiou-me sempre." Marcou consulta numa clínica privada, passou pela avaliação psicológica, fez exames clínicos e já foi chamada para fazer duas doações. "Sempre quis ser mãe e só Deus sabe a alegria que senti quando tive o meu primeiro filho. Imagino a alegria que vou causar naquele casal que vai poder realizar o seu sonho", diz, acrescentando que a compensação de 628 euros não pesou na decisão. "Nem sabia que era pago. Só quando cheguei à clínica é que soube do dinheiro. Não foi um esforço, porque não somos privadas de nada", afirma.

O que se dá é de outra pessoa...

Um artigo sobre doação levou-a a procurar mais informação sobre o tema na internet. Ligou para uma clínica privada para saber mais sobre o procedimento. "A título de curiosidade porque passava mais de um ano até voltar a contactá-los. Queria ser doadora de sangue e de medula, mas por causa do peso não podia. Resolvi ser doadora de óvulos", conta. Carolina, 29 anos, já fez duas doações. Ainda pode fazer uma terceira. Razões pessoais ajudaram na decisão. "Coincidiu com o período em que a minha irmã mais velha estava a tentar engravidar. Pensei que se a minha irmã, amiga ou eu precisasse gostaria de ter alguém que ajudasse." A compensação não foi o mais importante. "Pesa alguma coisa pelo transtorno da deslocação e algumas horas perdidas de trabalho. Mas está ajustada", diz, confessando que não sabia da existência do banco público. Não escondeu de ninguém o que ia fazer. "A minha mãe perguntou se tinha a certeza, que era como se estivesse a dar filhos. Não vejo isso dessa maneira. O filho é daquela pessoa."

P&R

Quem pode ser dador?

Homens entre os 18 e os 45 anos e mulheres até aos 35. Quanto aos critérios de seleção: história pessoal e familiar de doenças hereditárias e infecciosas transmissíveis, possíveis riscos para a saúde das dadoras associados à colheita de óvulos e consequências psicológicas de se ser dador.

Onde se pode dirigir?

Pode fazê-lo no banco público, no Porto, ou em clínicas privadas autorizadas a fazer técnicas de procriação medicamente assistidas que tenham lista própria de dadores. Tem de se deslocar ao local para avaliação e para a doação.

Que avaliação se faz?

Dadores são avaliados psicologicamente. Fazem testes de sangue para deteção de doenças transmissíveis, como VIH e hepatites e rastreio genético. No caso das mulheres são realizadas ecografias e exames ginecológicos. Nos homens é analisada a qualidade do esperma.

Material recolhido pode ser logo usado?

Não. No caso do esperma fica de quarentena por 180 dias para que seja repetida a segunda análise de doenças sexualmente transmissíveis. No caso dos óvulos o segundo controlo é realizado imediatamente antes do início da estimulação ovárica exceto se tiverem decorrido menos de três meses em relação ao primeiro.

Como é selecionado o dador? São escolhidos em função das características físicas dos dadores para que se garanta a máxima semelhança possível.

Existe compensação?

Sim. O valor está definido por lei e a compensação máxima pela dadora de óvulos é de 628,83 euros e por esperma de 41,92 euros. O processo de recolha é mais complicado na mulher, que obriga a exames ginecológicos, medicamentos para estimulação e amadurecimento dos óvulos, punção ovárica para recolha dos mesmos, que leva a que a mulher possa ter de se deslocar entre 15 a 17 vezes ao centro para fazer a doação. No caso do homem é possível recolher mais material de uma só vez.

Quantas vezes se pode doar? Cada mulher não pode doar mais de três vezes, independentemente de resultar ou não gravidez. Nos homens, as doações não podem dar origem a mais de oito partos de nado-vivo.

O processo é anónimo?

Sim.

Banco público foi criado em 2011 e só tem 46 dadores

BALANÇO Centro público de recolha de óvulos e de espermatozoides funciona no Porto, mas falta divulgação para ter mais resposta

O Banco Público de Gametas, a funcionar no Centro Hospitalar do Porto, iniciou a sua atividade em maio de 2011. Mas a lista de dadores efetivos, no final do ano passado, era bastante reduzida: 46 no total. De acordo com os números dados ao Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida (CNPMA), há 31 dadores masculinos e 15 dadoras mulheres que permitiram realizar o mesmo número de tratamentos com óvulos doados e 114 tratamentos com espermatozoides. Destes tratamentos, já nasceram cinco bebés.

Desde o início, o banco público teve 82 candidatos masculinos, mas 51 foram rejeitados por não cumprirem os requisitos. Mulheres foram 76, 28 rejeitadas e 33 ainda estão a ser avaliadas. "Faltam campanhas de publicidade sistêmicas. Sempre que se faz uma os candidatas aumentam, mas depois volta a cair. É preciso o envolvimento do Conselho de Administração e obriga a gastos económicos", explica Joana Mesquita Guimarães, responsável pelo centro de procriação medicamente assistida do Centro Hospitalar do Porto. "Já temos alguma quantidade para usar no nosso centro e a possibilidade de iniciar a distribuição este ano. Falta fazer acordos com as administrações de outros hospitais e designar os custos" da seleção e da avaliação de dadores, criopreservação, armazenamento e transporte, acrescenta. A comunicação foi feita ao conselho nacional no início do ano e será, nesta primeira fase, apenas para centros públicos.

Os dadores dividem-se em estudantes, profissionais e pais. "A principal razão que apontam é altruísmo, mas a parte da compensação tem um peso importante", diz a médica, para aumentar o número de dadores. A Associação Portuguesa de Fertilidade está a preparar uma campanha para apelar à dadora e ajudar o banco público. "É um cenário difícil e a procura de tratamentos tem vindo a crescer. Tivemos uma reunião com os responsáveis onde propusemos tomar a dianteira de uma campanha de sensibilização. Já estamos a trabalhar nos materiais e vamos focar-nos muito na comunidade universitária", explica Cláudia Vieira.